Envelhecimento ativo: proveniências e modulação da subjetividade

Active aging: origins and modulation of subjectivity

Silvana Tótora ¹

Professora da PUC/SP, Brasil

e-mail: stotora@uol.com.br

RESUMO:

Propõe-se problematizar o enunciado coletivo de envelhecimento ativo tomando como referência o Programa OPAS-OMS (2005) e seus desdobramentos no Relatório de 2015. Utilizo Foucault e sua analítica dos mecanismos de poder. Destaco a proveniência dos enunciados de envelhecimento ativo. Retomo desse filósofo o conceito de capital humano. Por fim, enfatizo a construção de um modo de subjetivação com base na ética como estética da existência, a fim de promover um deslocamento do termo ativo, anexado ao envelhecimento, para artista.

Palavras-chave: envelhecimento ativo; subjetividade; Foucault.

ABSTRACT:

This article discusses the collective statement of active aging, taking as reference the PAHO-WHO Program (2005) and its unfolding in the 2015 Report. I use Foucault and his analysis of the mechanisms of power. I highlight the origins of the statements of active aging. I use from this philosopher the concept of human capital. Finally, I emphasize the construction of a subjectivation mode based on ethics as the aesthetic of existence, in order to promote a shift from the active term attached to aging, to artist.

Key-words: active aging; subjectivity; Foucault.

O governo das velhices

A Organização Mundial de Saúde (OMS), ao renomear o *Programa de Saúde do Idoso* como *Envelhecimento e Saúde*, em 1995, deslocou a abordagem da velhice circunscrita a um momento específico da vida de indivíduos ou da população para um processo contínuo de desenvolvimento ao longo da vida. Daí o emprego de *curso de vida* em lugar da compartimentalização por faixas etárias (OPAS-OMS, 2005, p. 54).

¹ Pesquisa em curso desenvolvida nos Programas de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e Ciências Sociais da PUC/SP Brasil. Linha de pesquisa: Teoria e métodos em gerontologia. Projeto: *Velhices e modos singulares de envelhecimento*.

O Programa da OMS, com metas de alcance global, regional e local envolve - governo, iniciativas privadas, organizações não governamentais, comunidades e, principalmente, a população —, a se comprometer com o futuro das gerações, garantindo uma vida saudável. A velhice se apresenta como o futuro de todos. Eis as bases para a construção de um consenso que envolverá, sem distinção, governantes e governados, na grande cruzada mundial em favor do *envelhecimento ativo*.

O *envelhecimento ativo* configurou-se na palavra de ordem do novo milênio². Há mais de uma década esse novo conceito modula as subjetividades, mobiliza a comunidade científica — multiplicam as pesquisas nas áreas da gerontologia e geriatria — e, principalmente, ganha ampla difusão e popularização através das mídias.

Afinal, o que se entende por *envelhecimento ativo*? Esse conceito, de acordo com o Programa da OPAS-OMS (2005, p. 13), compreende “um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam velhas”. E *ativo* não se restringe aos aspectos físicos ou à força de trabalho, mas à “participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis” (Ibid.).

Velhos (as) e jovens são convocados à participação contínua, alçados à condição de cidadãos portadores de direitos, registrados em estatutos específicos e promulgados em leis³. As velhices, especialmente, são chamadas à responsabilidade nos processos políticos de sua comunidade (familiar, vizinhança, religiosa, etc.) e, principalmente, por sua saúde. Com isso, espera-se constituir uma nova cultura que daria visibilidade e status positivo à velhice, além de envolvê-la no compromisso com as futuras gerações. Enfim, o tempo da velhice não seria somente o passado, suas lembranças e memória, mas essa promessa de futuro.

Enlaçados à linha horizontal do curso do tempo, as velhices “bem-sucedidas” deverão transmitir aos jovens e adultos a crença no estilo saudável de vida (prevenção e promoção da saúde) como o caminho para viver mais e melhor.

Diversidade, autonomia e independência são conceitos de alcance limitados quando situados no âmbito de uma política de envelhecimento ativo que não coloca em questão o funcionamento da máquina capitalista e os dispositivos de poder de subjetivação. A amplitude que se pretende dar ao termo *ativo* compreende a tríade

² No Ano Internacional do Idoso (1999) foi lançado no Dia Mundial da Saúde o movimento global pelo envelhecimento ativo (OMS-OPAS, 2005, p. 55).

³ O Estatuto da Pessoa Idosa foi promulgado pela Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003.

saúde, segurança e participação, detalhadas em objetivos, ações e metas que constituirão uma plataforma para uma construção consensual e abrangente de diferentes setores e regiões. Resta, portanto, pouco ou quase nenhum espaço para o dissenso, as singularidades e as diferenças.

Cada uma das três ações — saúde, participação e segurança — são detalhadas e esmiuçadas em objetivos, metas e ações específicas (OPAS-OMS, 2005, pp. 46-53). Em linhas gerais, compreende-se por *saúde* uma ação que mantenha num patamar baixo os riscos (comportamentais e ambientais) de desenvolvimento de doenças crônicas e de declínio funcional, e, por sua vez, um patamar elevado os fatores de proteção que permitam às pessoas desfrutarem de maior quantidade e qualidade de vida (Ibid., p. 45).

A *participação* diz respeito ao amplo compromisso de diferentes setores sociais em assegurar que aqueles que envelhecem ou estão na velhice tomem parte ativa do mercado de trabalho formal, informal e voluntário; e apoiar sua participação nas atividades sociais, econômicas, culturais e espirituais segundo suas preferências, condições, e com respeito aos direitos humanos fundamentais (Ibid.).

A *segurança* envolve a garantia e o apoio aos programas e políticas de defesa dos direitos dos idosos à segurança social, financeira e física, assistindo àqueles que não podem manter-se, seja individualmente, seja por meio da ajuda aos seus familiares. Essa formulação pode ser lida como um mecanismo compensatório. Isto porque, na medida em que os problemas, na atualidade, advindos de um mercado de empresa concorrencial, em que vigora a competitividade e a desigualdade, não são questionados, sequer tocados, ao contrário, reforçados de modo ativo, os direitos de seguridade à velhice, particularmente aos mais pobres, soa como compensação pelos efeitos indesejáveis desse sistema econômico. Assim, o Programa indica aos governos uma ajuda financeira para aqueles indivíduos ou familiares que não possuem renda suficiente. Ora, não seria esta uma maneira, dos governos, garantirem certo nível de consumo?

Importa, contudo, destacar significativas mudanças de abordagem, estabelecimento de metas e alvos das políticas sociais expostas no Programa do Envelhecimento Ativo (OPAS-OMS, 2005): primeiro, e mais importante, a reafirmação da Assembleia Mundial, em 2002, da colocação do envelhecimento populacional na agenda política, traduzido como a celebração dos “trunfos de um mundo em processo de envelhecimento” (Ibid., p. 55); segundo, a produção de políticas de alcance global, cabendo aos governos dos países, regiões e localidades a sua implantação; terceiro,

deslocamento e a ampliação do alvo, da saúde física e mental da população de indivíduos, restritos a sua dimensão biológica ou psicológica, para seus aspectos ambientais (moradia, ambiente físico, qualidade do ar e da água, clima, etc.); quarto, a inclusão dos aspectos transversais da cultura e de gênero; quinto, a colaboração na implementação do Programa entre as agências internacionais, organizações governamentais e não governamentais e os setores acadêmicos, com amplo sistema de difusão e popularização através das mídias; sexto, o protagonismo ou responsabilidade pessoal e da população pelo sucesso do Programa, exigindo a participação contínua da cidadania portadora de direitos. Esses dois últimos itens dizem respeito ao novo conceito de governança global, ou a partilha de decisões e ações.

Diante desses relatos iniciais, gostaria de situar o problema que orienta a construção desse texto. Diferentemente de um engajamento na difusão desse Programa de Envelhecimento Ativo, tampouco do desenvolvimento de pesquisas para subsidiá-lo, escolho outro percurso que problematiza os programas dessa natureza e, particularmente, os caminhos adotados nessa nova abordagem para o envelhecimento e a velhice.

A problemática que orienta a construção desse artigo é de natureza minoritária. Por minoria entendo aqueles que deixam de satisfazer um ou outro requisito do Programa e são colocadas fora do sistema. Minoritário não diz respeito apenas a grupos ou classes, mas, em cada um de nós, a potencialidades que não são mantidas em razão das submissões de nossas potências às exigências dos modelos de vida adotados pela maioria. Proponho um novo campo de problematização com base na ética entendida como práticas de si (cuidado de si) ou potências minoritárias, pondo em jogo os critérios de uma estética da existência. Na companhia de Foucault (2004), entendo essas práticas como modos singulares e coletivos de resistência às tecnologias de governo das condutas de cada um e de todos. Indica o filósofo (FOUCAULT, 2004, pp. 306-307) um campo estratégico de poder no sentido mais amplo do que as relações políticas institucionais. Essa última refere-se a uma concepção jurídica do sujeito de direito, enquanto a primeira aponta para uma análise reversível, móvel e transformável das relações de poder de si para consigo constituindo-se uma ética do sujeito. Nesse último sentido podemos abrir uma nova perspectiva de um *envelhecimento artista*, como um percurso singular que não se deixa capturar em Programa, como o do envelhecimento ativo.

Proponho situar a análise nos mecanismos de poder que atravessam esse Programa referido. E, com base em Foucault, situar esse Programa como a emergência de um novo regime de verdade que visa à modulação das velhices. Assim posto, também o fracasso das metas compõe a estratégia de ampliação das adesões. O percurso adotado, portanto, passa ao largo de uma metodologia de análise que insiste em traçar contradições e polaridades entre a proposta e a realidade, pois o Programa, por si mesmo, institui sua própria realidade e seu sujeito alvo. Haja vista o traçado inicial da velhice sob a ótica do envelhecimento populacional e a prospecção do seu crescimento. Como população, as velhices tornam-se um problema de governo que, doravante, deverá considerar o seu processo de envelhecimento.

A emergência da velhice como problema populacional no final do século XX não seria somente a reedição dos dispositivos de poder vigentes desde o século XIX, e denominados por Foucault (2005) de *biopolítica*, cujo alvo era fazer viver ou prolongar a vida biológica da espécie humana. Trata-se, agora, de um controle contínuo do curso da vida, tanto biológica quanto ambiental, num jogo de relações variáveis que favoreçam a “obtenção da melhor qualidade de vida possível e para o maior número de pessoas possível” (OPAS-OMS, 2005, p. 54).

Nota-se o surgimento de um novo dispositivo de poder que Deleuze (1992) descreveu como “sociedade de controle”, e Passetti (2013) denominou de *ecopolítica*. Segundo esse autor, a ecopolítica seria uma prática de governo planetária que se apoia na produção de verdade de um capitalismo sustentável que estabelece as seguintes metas: combater a pobreza, elevar os indicadores econômicos, auferir índices de felicidade e desenvolvimento humano, tais como saúde, educação e cultura; disseminar uma cultura da paz; educar as pessoas para a resiliência⁴, encontrar certa qualidade de vida com redutores de vulnerabilidades, gerar condições compartilhadas para uma vida melhor, de pessoas, ares, mares e florestas; ocupar inteligências por meio de participações, conexões e afirmação de direitos, segurança, securitização; em suma, trata-se do governo não somente da vida nos seus aspectos biológicos, mas de tudo que se mostre vivo no presente para um futuro melhor (PASSETTI, 2013, pp. 10-12). Essas

⁴ Acerca da resiliência Cf. Oliveira (2012). Esse conceito foi cunhado pela física para aferir a suportabilidade de um material diante de um impacto. Transferido para as populações humanas, esse termo vem sendo utilizado no sentido contrário às resistências, para prover adaptações mais próximas a adequações. A resiliência “permite que uma pessoa, grupo ou comunidade previna, minimize ou supere os efeitos nocivos das adversidades” (Ibid., p. 113).

metas deverão ser assumidas pelos governos dos Estados — em âmbito, nacional, regional e local.

O emprego do termo *qualidade de vida* no Programa do Envelhecimento Ativo (OPAS-OMS, 2005) contempla a dimensão biológica e ambiental, e o conceito de envelhecimento ativo modula uma subjetividade responsável e participativa. Almeja-se, com isso, harmonizar as relações entre governantes e governados, tornando os governados corresponsáveis pela gestão e sucesso das políticas. Aliás, o capitalismo sustentável governamentaliza⁵ o Estado e almeja envolver toda uma população num projeto comum, contendo as resistências e pacificando os conflitos gerados pelas desigualdades de poder, riqueza e acesso aos benefícios públicos.

Com base em Foucault, referindo-nos à sua analítica dos dispositivos de poder e de sua proveniência, destaco os baixos começos dos enunciados de envelhecimento ativo e da capacidade funcional que integram a definição de envelhecimento saudável. Cumpre-nos problematizarmos na atualidade as relações de poder: o governo e a produção de verdades: *que tipo de sujeito se produz nas atuais relações de poder?* Como o capitalismo, atual, na sua versão neoliberal, se dá a produção da subjetividade? Particularmente da velhice e do envelhecimento.

Em sua análise do neoliberalismo da Escola de Chicago, Foucault destaca a teoria do *capital humano* como uma tentativa de produção da subjetividade no capitalismo neoliberal. Os neoliberais da Escola de Chicago retomam uma definição de economia como análise do comportamento humano, de sua racionalidade e a estratégia dos indivíduos. Nessa direção, propõem estudar “o trabalho como conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada, calculada por quem trabalha” (Foucault, 2008b, p. 307).

Cada trabalhador seria um *empresário de si mesmo*. Desse modo, a sociedade se constituiria de unidades empresas (Foucault, 2008b, p. 310). Esse trabalhador como empresário de si mesmo produz sua própria renda que,

⁵ Foucault empregou pela primeira vez o termo *governamentalidade* no curso de 1978, *Segurança, Território e População*, para designar o governo das condutas dirigido à população com os recursos da economia política e dos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008a). A governamentalização do Estado compreende “o governo dos vivos”, que Foucault (2014, p. 112) emprega “num sentido amplo como um conjunto de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens”.

segundo esses neoliberais (citado em Foucault, 2008b, p. 311), resultaria na sua satisfação.

No neoliberalismo o exercício do governo está fortemente apoiado numa intervenção ativa com base na Lei. Não se trata de um governo mínimo, mas de um governo forte para assegurar um ambiente favorável à livre criação desse capital humano ou indivíduo-empresa ou empreendedor. Essa teoria da Escola de Chicago espria-se como regime de verdade para todos os comportamentos sociais - a defesa dos valores da família, casamentos monogâmicos, identidades bem configuradas – eis o conservadorismo atual do governo das condutas, os quais se orientam por uma economia de mercado. Esse novo regime de verdade produz um novo assujeitamento. A subjetividade das velhices são construídas com base nas práticas discursivas do empreendedor de si ou empresário de si mesmo ou envelhecimento ativo.

Segundo Lazzaratto (2014), além do empobrecimento da existência que resulta no sucesso individual do modelo empresarial, ou capital humano; a outra face dessa subjetividade empreendedora é que para a maioria da população o capital humano ou empresário de si mesmo não significa senão ser compelido a gerenciar salários e rendas declinantes, precariedade, desemprego, pobreza, do mesmo modo que alguém cuidaria de uma empresa. A crise atual do capitalismo trouxe para primeiro plano a dívida e suas modalidades de sujeição, *o homem endividado*. A governamentalidade neoliberal que dirige a conduta dos homens no sentido de transformá-lo em um empreendedor, homem de negócios, ou patrão de si mesmo, está estagnada. A fraqueza do capitalismo neoliberal reside, portanto, na produção da subjetividade: o sujeito individuado como capital humano e sua face perversa o homem endividado. O mercado concorrencial estabelece hierarquias e exclusões de grande parte da população. Velhices bem sucedidas são as velhices ativas e subjetividades sujeitadas e os demais são vistos como dispendiosos.

Lazzaratto (Ibid.), com base em Deleuze e Guattari, destaca na análise do capitalismo na atualidade um duplo regime de produção da subjetividade: a *sujeição social* centrada na subjetividade do sujeito individual, *capital humano* ou “empresário de si mesmo” e a *servidão maquínica* desindividualizada em banco de dados e segmentos flexíveis que produzem o conjunto da máquina social. Como sujeitos ou *sujeição social*, somos individualizados e sujeitados ao governo das condutas, envelhecimento ativo, empreendedor de si. Por sua vez na *servidão maquínica* há uma dessubjetivação que desmantela o sujeito individuado e nos torna parte de uma engrenagem social ou técnica como uma empresa, sistema de comunicação, ou das políticas públicas. Indivíduos se tornam “dividuais” e as massas se tornam amostras de mercado, cifras. O individual não se opõe ou faz uso da máquina, ele é adjacente à máquina. Homens e máquinas são partes de um dispositivo. Homens e máquinas são partes intercambiáveis de um processo de produção, consumo e comunicação que os excede.

Os saberes oriundos de uma máquina social tecnológica (a linguagem da informática, signos diretamente ligados à máquina, índices de mercado de ações, capital genético, que não representam um sujeito individuado) são armazenados em bancos de dados e funcionam como dispositivos do *marketing*. Os dados são vendidos para milhões que consomem hábitos de vida, alimentação, lazer, saúde e bem estar. Tudo isso não passa de informações “dividuais” cujos “perfiz” são resultantes do cruzamento de dados. (Lazzarato, 2014, p. 38).

Cada um individualmente ou coletivamente tidas como bem sucedidos tornam-se veículos de extração e circulação de fluxos de informação das mídias eletrônicas e redes sociais que constituem a máquina social na atualidade. Assim, as modulações tidas como vitoriosas são construções das máquinas de informática, que roubam um corpo e devolvem uma virtualidade (imaterial). Afetos e signos circulam sem o suporte de um sujeito individuado. Modelos vencedores são fabricados por um cruzamento de dados sem o suporte

individuo de um sujeito. E esses servem para fazer funcionar a máquina social de méritos e deméritos que justificam investimentos e contensões.

As velhices não devem mais ser vistas associadas aos valores tidos como negativos, tais como aposentadoria, doença ou dependência. Ao contrário, afirma-se um novo paradigma que “perceba os idosos como participantes ativos de uma sociedade, e beneficiários do desenvolvimento” (OPAS-OMS, 2005, p. 44).

Os idosos, juntamente com a mídia, sugere o Programa da OMS-OPAS (2005), devem constituir-se liderança — hoje, o termo mais usado é o protagonismo — no combate aos estereótipos e em prol do reconhecimento social e político. A educação de jovens na defesa dos direitos das “pessoas mais velhas” também pode favorecer a redução da discriminação e do abuso (Ibid., p. 44).

Não se trata de contestar a validade dessas indicações, mas inseri-las no contexto de uma sociedade cujos valores e relações que a engendram são aqueles de uma sociedade de mercado em que o sujeito ativo é o empresário de si, capital humano ou empreendedor. Ignorar essa realidade e apregoar a busca de consenso entre governo, empresas, organizações não governamentais e mídia em prol do envelhecimento ativo não seria sujeitar a velhice à servidão dessa máquina social? Faz-se necessário problematizar a velhice e o envelhecimento no contexto atual como produção de uma servidão.

Longe dessa abordagem que reclama o consenso inclusivo através da participação de todas as idades num Programa comum de *envelhecimento ativo* e de *envelhecimento saudável*, associe-me aos filósofos Nietzsche, Deleuze, Guattari e Foucault para pensar um percurso singular para o envelhecimento e a velhice com base na potência e na ética como estética da existência. Trata-se, pois, de um *envelhecimento artista*.

vida outra, envelhecimento artista.

Em lugar do envelhecimento ativo por que não experimentarmos um *envelhecimento artista*? Como artistas, podemos lançar sobre nós um olhar perspectivo, tomarmos distância de nós mesmos para rirmos de nossas misérias, rabugices e mesquinhas. E mais, por meio dessa arte zombeteira conquistar a liberdade em relação às coisas e seus ideais que nos imputam pesados papéis, promessas redentoras e de felicidades impossíveis. É com alegria que atravessamos a torrente dissolutora do

devir da existência equilibrando sobre o fio que, com a ajuda dos amigos, vamos tecendo com nossas dores, doenças, prazeres e desprazeres, amores e decepções, sem medo de escorregar e cair, porque aprendemos a flutuar e a brincar. Ora, dirão aqueles defensores da seriedade da existência, — como viver com alegria diante de tanta miséria, morte e doença?! Ciente e atenta a tudo isso, selecionamos aquilo que está em nosso poder de combate, para isso é preciso, como diria Nietzsche (2012, p. 480) ser saudável o suficiente. Não se combate a doença e a tristeza sem alegria e saúde. E os poderosos criam a miséria para fazer de nós dependentes de seu governo e de sua exploração. E quanto menos nós temos e recebemos mais temerosos nos tornamos de perdermos.

Em sua autobiografia, *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, Nietzsche expõe — como o próprio título sugere — o seu percurso de produção de si como obra de arte. Afirma o filósofo, “tomei a mim mesmo em mãos (...), fiz da minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia...” (NIETZSCHE, 1995, p. 25). A despeito da doença e da morte, e em relação com elas, a saúde se adquire em cada momento, e é necessário que assim seja. Nada nos é dado em definitivo... O verbo tornar-se exprime o devir. O sujeito é um produzir-se em relação consigo e com o mundo. Trata-se de uma subjetividade corporal atravessada por relações de forças múltiplas que se hierarquizam em perspectivas variadas. É preciso muita arte! “E uma arte para artistas, só para artistas!” (NIETZSCHE, 2001, Introdução, § 4, p. 15).

Tudo muda quando se direciona o foco para o artista. A força da arte passa a residir no seu processo de produção e menos no produto enquanto objeto separado. E, se eles não se separam, isto não significa que são os mesmos, pois o sujeito não é um ente dado que se transforma, mas ele se produz no incomensurável jogo de forças do *devir*. Temos aí uma primeira formulação de uma subjetividade. A arte do artista aproxima-se da ideia de finitude e de produção do ser no mundo, um mundo que nunca cessou de perecer, por isso, “um construir e destruir, sem nenhuma prestação de contas de ordem moral” (NIETZSCHE, 1974, § 7, p. 44).

O deslocamento da arte do objeto artístico que serve de fruição ao espectador para o artista permite a este um experimento, nada inocente, mas, sim, com elevada periculosidade. Agamben (2012, p. 24) refere-se às experimentações de Hölderlin no limiar da loucura; ao risco de viver mencionado por Van Gogh; a “uma experiência levada até o extremo”, de acordo com Rilke. Por fim, para Rimbaud, uma promessa de felicidade trazida pela poesia desmorona e faz o poeta mergulhar no silêncio.

Assim, é sob a perspectiva da vida que, na sua imanência e criação liberta dos códigos de uma moral transcendente, a existência se faz sentir, pensar e agir, produzindo um “si”. A ética toma a vida como referência, e mais, é a vida que avalia. E a vida, como vontade de potência, segundo Nietzsche, não quer se preservar, mas fazer-se como puro *devenir*. Assim a ética atravessada pela vida só poderá converter-se em regras facultativas construídas no tempo *certo* — o momento ou instante efetivamente vivido denominado de tempo *kairós*.

E por que se desejaria prolongar a existência? Certamente não para atingir uma idade avançada, mas para experimentar *algo forte demais*, no encontro com as potências da vida, a despeito das doenças que acometem o vivente, ou com elas mesmas, a fim de alcançar a *grande saúde*, de acordo com o conceito nietzschiano, “aquela que não basta ter, a que se adquire, que é necessário adquirir, constantemente, por ser sacrificada sem cessar, por ser necessário sacrificá-la sem cessar!...” (NIETZSCHE, 2001, §282, p. 283).

Deleuze e Guattari (1992, p. 9) afirmam:

Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravesse as eras...

Como vimos, um modo de *envelhecimento artista ou vida outra*, afronta às instâncias de gestão da vida segundo uma modulação da subjetividade de acordo com valores da máquina social. O que se retém é uma atitude de resistência, de afronta à sujeição e à servidão. Arte e vida não se distinguem, mas se articulam para fender a cultura existente.

E por que se quer prolongar a existência? O filósofo Gilles Deleuze, na companhia de seu amigo Guattari, afirma: para viver algo grande demais que “lance um dardo que atravesse as eras” (1992, p. 9). E, a quem espera apanhá-lo, é preciso alertar que se trata de algo que não é pacificador, mas que segue *a linha de fuga da bruxa...* e nos torna diferentes do que somos. E mais, concordo com Deleuze e Guattari (1992, 140) ao afirmarem que a adesão aos valores da época atual é estabelecer compromissos vergonhosos com as possibilidades de vida que nos são oferecidas.

Com essa referência encerro abrindo uma brecha para a velhice como *uma obra de arte* e um *envelhecimento artista* em que a insistência em viver passa ao largo da dita “qualidade de vida” que nos é oferecida, para roçar a vida como intensidade e, assim,

experimental *emoções* que promova um corte, criando uma cesura no curso do tempo cronológico (ou curso da vida). E, com a coragem dos que estão dispostos a correr o risco de viver, irromper numa outra temporalidade e encontrar as potências do tempo e a intensidade do *dever*, pois o estar *entre* a vida e a morte não é somente ao pé da letra estar próximo da morte, mas, sim, um *entretempo* onde tudo pode acontecer.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Trad. Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- AUGUSTO, Acácio. *Política e antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais São Paulo: PUC-SP, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi & Roberto Machado. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a.
- _____. “Aparelho de captura”. Trad. Janice Caiafa. In: *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – o uso dos prazeres*. Vol. 2. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque. 8ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *História da sexualidade – a vontade de saber*. Vol. 1. Maria Thereza C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- _____. *Segurança, território e população*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. *Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. “Crise da medicina e da antimedicina”. Trad. Heliana Conde. In: *Revista Verve*, n. 18, pp. 167-194. São Paulo: Nu-Sol/PUC-SP, 2010.
- _____. “Do governo dos vivos”. In: DA MOTTA, Manoel de Barros (org.). *Ditos e Escritos IX*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Gen/Forense Universitária, 2014.
- GROS, Frédéric. “Situação do curso”. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Marcio A. da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- _____. “A parrhesia em Foucault (1982-1984)”. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: A coragem da verdade*. Trad. Marcos Martiolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. Trad. Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Edições Sesc/ n-1 edições, 2014.
- OLIVEIRA, Salete. “Política e resiliência: apaziguamentos distendidos”. In: *Revista Ecológica*, n. 4, pp. 105-129. São Paulo: Nu-Sol / PUC-SP, nº. 4, 2012. Disponível

em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067> (acesso em: 28/11/2016).

OMS. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (Resumo)*. Organização Mundial de Saúde, 2015. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> (acesso em 28/11/2016).

OPAS – OMS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial de Saúde, 2005. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4478.pdf> (acesso em 28/11/2016)

NIETZSCHE, Friedrich. “A filosofia na época trágica dos gregos”. In: *Obras Escolhidas. Os Pensadores*. Trad. Rubens Rodrigues Torres. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Fragments Póstumos – 1887-1889*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PASSETTI, Edson. “Transformações da biopolítica e a emergência da ecopolítica”. In: *Revista Ecopolítica*, n. 5, pp. 2-37. São Paulo: Nu-Sol / PUC-SP, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120/11292> (acesso em: 28/11/2016).